

O economista alemão radicado nos Estados Unidos Rudiger Dornbusch ganhou fama e dinheiro por ter-se alinhado, em novembro de 1994, entre os que advertiam para a fragilidade do México, então elogiado por nove entre dez economistas. Um mês depois, o México quebrou. Desde então, Dornbusch tenta aumentar seu cachê usando sua bola de cristal para avaliar países, como fez agora mais uma vez com o Brasil. Quem segue os conselhos, porém, tem saído frustrado e desmentido pelos fatos.

Já foi lugar comum de economistas, no Brasil e no estrangeiro, vaticinar que o Plano Real não resistiria à crise do México. No Brasil, muitos deixaram transparecer a satisfação pelo virtual fracasso da estabilização da qual não tinham direito autoral. Os fatos mostraram que o Brasil era completamente diferente do México e da Argentina.

As condições do Brasil são absolutamente diversas (para melhor). O México atravessou o governo Salinas de Gortari acumulando gigantescos déficits fiscais e comerciais. O balanço de pagamentos era fechado com capitais de curto prazo, que especulavam com o ingresso no Nafta.

A falta de consistência das políticas fiscal, monetária e cambial ficou patente quando o presidente do Banco Central do recém em-

possado governo Ernesto Zedillo cometeu a imprudência de admitir a necessidade de desvalorização do peso. Foi a senha para o quase colapso do México.

As previsões sobre o Brasil têm falhado redondamente porque: a base industrial é sólida; a pauta de exportações é diversificada; as importações que geraram déficit comercial foram contidas por tarifas e o desaquecimento econômico; e os juros jamais ficaram fixos como no México, nem o câmbio amarrado a uma paridade fixa, como na Argentina.

O problema fiscal continua pendente da aprovação pelo Congresso das reformas modernizadoras, do avanço da privatização e da regulamentação da desestatização. O governo é o primeiro a reconhecer que o câmbio e os juros estão sendo usados além da conta, por falta de amparo fiscal, quando defende as reformas. Dornbusch não disse novidade.

Daí a concluir que o Real está valorizado 40% e a estabilização vivendo seu canto de cisne vai enorme distância. A ponto de ter surgido no mercado financeiro brasileiro — onde as previsões apressaram a queda das bolsas, que viria pela realização de lucros e o aumento dos juros do *overnight* — a suspeita de que, por trás de Rudiger Dornbusch, há alguém ou alguma organização. Ele deve explicações.